



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 21, n. 3, art. 6, p. 124-150, mar. 2024

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2024.21.3.6>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Empreendedorismo no Sistema Educacional: Foco na Formação do Sujeito Autônomo

Entrepreneurship in the Educational System: Focus on the Training of the Self-Employed Subject

Kamyla Camelo Osório

Bacharela em Administração – Universidade Federal do Piauí (*Campus* Floriano)
Foi bolsista de Iniciação Científica, com bolsa do PIBIC/UFPI (2022-2023)
E-mail: kamylaosoriocamelo@gmail.com

Cecília Augusta Caetano e Silva

Bacharela em Administração – Universidade Federal do Piauí (*Campus* Floriano)
Foi bolsista de Iniciação Científica, com bolsa do CNPq (2022-2023)
E-mail: ceciliaaugusta446@gmail.com

Jairo de Carvalho Guimarães

Doutor em Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Professor Associado I da Universidade Federal do Piauí – UFPI
E-mail: jairoguimaraes@ufpi.edu.br

Endereço: Kamyla Camelo Osório

BR 343, KM 3,5, bairro Meladão, Floriano, PI, CEP 64808-605. Brasil.

Endereço: Cecília Augusta Caetano e Silva

BR 343, KM 3,5, bairro Meladão, Floriano, PI, CEP 64808-605. Brasil.

Endereço: Jairo de Carvalho Guimarães

BR 343, KM 3,5, bairro Meladão, Floriano, PI, CEP 64808-605. Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 15/12/2023. Última versão recebida em 04/01/2021. Aprovado em 05/01/2024.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este estudo consiste na investigação envolvendo a importância do empreendedorismo no ambiente escolar. Visa a ampliar as discussões sobre o alcance da Educação Empreendedora nos níveis básico e superior, explorando estudos que apontam, empírica e teoricamente, que o empreendedorismo desenvolvido em sala de aula tem contribuído para a transformação não apenas de estudantes, na medida em que estes passam a repensar a sua formação acadêmica e o seu futuro a partir de um ponto de vista conectado com a dinâmica socioeconômica contemporânea. O estudo tem abordagem qualitativa, de natureza descritiva, e promove uma análise a partir de um escopo teórico albergado em artigos, teses, dissertações e fontes bibliográficas. Foram explorados estudos que versam acerca da Educação Empreendedora, com destaque para os movimentos promovidos no sistema educacional, ressaltando a importância de iniciativas relacionadas à atualização dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP) de cursos de Graduação e do ensino médio, aspirando a avançar no comprometimento, no estímulo e na propensão dos estudantes em empreender por meio das estratégias educacionais.

Palavras-chave: Educação Empreendedora. Educação no Ensino Superior. Educação Básica.

ABSTRACT

This study consists of research involving the importance of entrepreneurship in the school environment. It aims to expand discussions on the scope of Entrepreneurial Education at basic and higher levels, exploring studies that point out, empirically and theoretically, that entrepreneurship developed in the classroom has contributed to the transformation not only of students, as they pass to rethink their academic training and their future from a point of view connected with contemporary socioeconomic dynamics. The study has a qualitative approach, descriptive in nature, and promotes an analysis based on a theoretical scope contained in articles, theses, dissertations and bibliographic sources. Studies were explored that deal with Entrepreneurial Education, with emphasis on the movements promoted in the educational system, highlighting the importance of initiatives related to updating the Political-Pedagogical Projects (PPP) of Undergraduate and high school courses, aspiring to advance commitment in the stimulation and propensity of students to undertake through educational strategies.

Keywords: Entrepreneurial Education. Education in Higher Education. Basic Education.

1 INTRODUÇÃO

A dinâmica empreendida pelo sistema capitalista em níveis mundiais, agregada aos movimentos vinculados aos avanços tecnológicos e ao aperfeiçoamento dos intercâmbios comerciais, e a partir da percepção de que os postos de trabalho estão se tornando a cada dia mais escassos, e tendo como pano de fundo um novo olhar do Estado no que interessa à implementação de políticas públicas voltadas para o estímulo aos pequenos negócios, têm refletido na iniciativa do ambiente educacional quanto à necessidade de considerar a atitude empreendedora como vetor de transformação pessoal e profissional dos jovens, adolescentes e adultos.

Sob este cenário e tendo como pano de fundo que o empreendedorismo representa uma nova configuração na evolução dos estratos sociais e na formação de um novo modelo econômico, na medida em que há estudos comprovando a sua importância na estrutura socioeconômica das nações (SCHUMPETER, 2008; BARROS; PEREIRA, 2008; PONTUS, 2010; ROSA, 2020), reconhecendo o esforço que as Instituições de Ensino Superior (IES) e as unidades escolares da Educação Básica têm imprimido no sentido de dotar suficiente e estruturalmente pessoal, material, pedagógica, institucional e didaticamente para desenvolver, adequadamente, as dinâmicas didáticas que o ensino de empreendedorismo recomenda. Estudos apontam um novo horizonte para o papel do empreendedorismo no contexto socioeconômico dos países e que, tomando esta constatação como fio condutor, busca-se ampliar as pesquisas que caracterizam a formação do estudante como fundamental para a materialização da ação empreendedora, ao passo que se reconhece que, inexistindo trabalhos formais que acolham a População Economicamente Ativa (PEA), especialmente no Brasil, a alternativa do empreendedorismo se reveste em posição legítima na busca de um novo patamar no estrato social.

Com efeito, estudos que exploram a relevância da educação empreendedora na Educação Básica e na Educação Superior, dentro e fora do Brasil, dão pistas consistentes de que o segmento requer um olhar diferenciado por parte do corpo docente e dos gestores educacionais, inclusive no âmbito Federal, a fim de que haja o reforço de ações que visem a intensificar a sua implementação e efetividade, do ponto de vista da formação do estudante. Neste particular, entende-se que ao discorrer sobre os procedimentos, as pedagogias e as práticas envolvendo o empreendedorismo no espaço escolar, articula-se um novo patamar conceitual capaz de avançar no preenchimento de lacunas no campo teórico-educacional, justificando uma abordagem que aprofunde o conhecimento atual e aquele que se pretende

alargar, empreendendo as estratégias conceituais aptas a reforçar o papel da educação empreendedora na formação de movimentos que intencionem suprir o sujeito social de capacidades e habilidades, cujo propósito é torná-lo independente e dirigente do próprio destino.

Por outro lado, não obstante a defesa aqui da iniciativa empreendedora como movimento de transformação do sujeito social, não se pode desconsiderar que algumas correntes defendem a didática empreendedora no ambiente escolar, mas como instrumento de fortalecimento do caráter autônomo do estudante numa abordagem coletivista, não como método de individualização na busca do sucesso. Por exemplo, no estudo desenvolvido por Carvalho e Karpowicz (2011), que discutiram a perspectiva empreendedora como “valor pedagógico”, foi possível constatar:

[...] os traços da presença de uma racionalidade neoliberal expressa por meio de discursos, constituídos por expressões como: flexibilidade, proatividade, potencial de inovação, gestão de habilidades, gestão de competências, capital humano, espírito de equipe, planejamento estratégico, metas, resiliência, visão estratégica, capacidade de correr riscos, formação permanente, oriundas de um *ethos* empresarial, que recebe cada vez mais destaque na formação de professores e nas práticas desenvolvidas por supervisores escolares (CARVALHO; KARPOWICZ, 2011, p. 299).

É imperioso destacar que diretrizes como as contidas no BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e no BNC-Formação (Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica), as quais têm como propósito a intensificação do ensino de empreendedorismo na Educação Básica, são discutidas no estudo de Toledo e Maciel (2023), cujo enfoque foi discutir “quais competências do estudante e do professor têm relação com a competência empreendedora, com vistas a contribuir para a formação e a prática docente de professores de Ciências para o século XXI” (TOLEDO; MACIEL, 2023, p. 1).

Mais do que uma demanda da sociedade e do universo econômico, observa-se que a educação empreendedora tem modificado a postura, as relações interpessoais e a emergência do pensamento crítico dos estudantes (FERREIRA; MIGUEL, 2020). No campo do pensamento computacional, por exemplo, percebe-se o papel que a educação empreendedora exerce na ativação da autoestima e na empatia com os problemas sociais da atualidade pelos adolescentes (PEREIRA; TODA, 2020). Em outra perspectiva, desta vez analisando o papel da abordagem empreendedora no tocante à economia circular, Fernandes, Viega e Ramadani (2023, p. 1) afirmam que “[...] o empreendedorismo é uma componente fundamental, dentro do sistema a que pertence, para alcançar a economia circular”. Desenvolvendo um estudo

sobre as técnicas didático-pedagógicas utilizadas por docentes por meio da educação empreendedora, Ferreira e Miguel (2020) concluíram que:

[...] a educação empreendedora nos espaços educacionais pode vir a ser uma importante estratégia pedagógica, uma vez que ajudará em uma melhor colocação profissional dos educandos. Esta pode garantir ao adolescente e futuro trabalhador uma oportunidade de se colocar não apenas no mercado, mas também perante a sociedade de forma mais capacitada, com possibilidade de participação crítica, numa sociedade política, social e cultural, com maior consciência de todos os fenômenos que o rodeiam (FERREIRA & MIGUEL, 2020, p. 331).

A pesquisa promovida por Ferreira e Miguel (2020) aponta que a educação empreendedora não apenas se mostra relevante no contexto formativo do futuro profissional, mas, sobretudo, na constituição do sujeito autônomo, independente, assertivo, politicamente crítico e capaz de definir as próprias normas de conduta, sem influências externas. Estudos como o Bejinaru (2018) analisam a importância do empreendedorismo na aquisição de habilidades empreendedoras exigidas por uma economia do conhecimento, especialmente em países emergentes. Tomando este contexto introdutório, lança-se a seguinte questão norteadora: É possível a educação empreendedora desenvolver habilidades e competências na formação do estudante, as quais sejam capazes de torná-lo um sujeito autônomo política, econômica e socialmente falando?

O presente estudo é composto, além desta parte introdutória, da seção destinada ao Referencial Teórico, estruturada em quatro seções: a primeira contempla a Ideia de empreendedorismo; a segunda é dada ênfase na atitude empreendedora mediada pela educação; a terceira seção discute a Educação Empreendedora no Ensino Básico, e a quarta seção apresenta a Educação Empreendedora no Ensino Superior. O texto fecha com os capítulos destinados à Metodologia e às Considerações Finais.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

2.1 A ideia de empreendedorismo: Conceitos gerais

O empreendedorismo pode ser conceituado como a capacidade e o olhar apurado para identificar problemas e, conseqüentemente, ativar soluções, desenvolvendo habilidades promovendo atitudes sempre à procura de oportunidades para a criação de ideias benéficas à sociedade, sendo a essência do segmento o aprimoramento e o aproveitamento de todas as

possibilidades, no que diz respeito ao mercado de trabalho. Conforme pontuaram Shane e Venkataraman em artigo publicado em 2000, já havia sinalização de que o empreendedorismo se tornara, sistematicamente, um campo de estudo, razão pela qual se deveria constituir em referência para novas agendas de pesquisa. Para Amiri e Marimaei (2012, p. 151), “[...] empreendedorismo envolve inovação, desenvolvimento, reconhecimento, aproveitando oportunidades e convertendo estas oportunidades em ideias comercializáveis [...]”. Para Hisrich e Peters (2004, p. 29), o empreendedorismo consiste em um “processo de criar algo novo com valor dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal”, além de cooperar com o desenvolvimento econômico social. Schumpeter (2008) atrelou a concepção da inovação ao conceito do empreendedorismo, definindo a inovação como a atividade de transformação de um elemento já inventado em um elemento comercialmente útil, que venha a ser aceito por um mercado.

Vale (2014) apresenta o ser humano empreendedor de forma sociológica, essencial para a transformação de uma sociedade, capaz de tratar problemas com soluções inovadoras e revolucionárias. Ainda segundo a autora, as alterações no conceito de empreender fazem parte da evolução de uma sociedade que vem de uma base agrária, evoluindo para indústrias e que foram responsáveis para a criação da figura do empreendedor. O sistema de apoio aos empreendedores por meio do projeto de educação para o empreendedorismo pode estimular e facilitar atividades empreendedoras que podem reduzir a quantidade de desemprego, aumentar a formação de novos negócios e reduzir o número de falências (HATTEN; RUHLAND, 1995; HANSEMARK, 1998). De acordo com Barros e Pereira (2008), o empreendedorismo é um dos grandes responsáveis pelo crescimento econômico de um país, mesmo não tendo o reconhecimento ideal, sendo que também é por meio dele que surgem diversas contribuições na formação de serviços e/ou produtos inovadores que fomentam a competitividade no mercado de trabalho. Na análise de Amiri e Marimaei (2012), o espectro empreendedor, sob uma perspectiva transformadora, pressupõe a capacidade das pessoas em identificar e operacionalizar oportunidades, o que justifica que “Os empreendedores têm uma mentalidade que vê possibilidades em vez dos problemas criados pela mudança” (AMIRI; MARIMAEI, 2012, p. 150).

Essa competição, também discutida por Sentanin e Barboza (2005), faz com que o mercado obrigue os empresários a adotarem novas medidas e novas formas de trabalho, instigando o corpo empresarial a ficar atento às mais diversas inovações e tecnologias que possam eliminar as barreiras culturais e profissionais, e que consigam desenvolver estratégias

capazes de renovar os conceitos sobre como empreender, aliados à economia e sendo capaz de gerar riquezas para a sociedade.

Na perspectiva de Costa, Barros e Martins (2012), o empreendedorismo está ligado a ideias de inovação, riscos calculados e desenvolvimentos para a sociedade, situação está em que o empreendedor tem o papel de ser um agente responsável por tais transformações, identificando e criando oportunidades, melhorando processos com o objetivo de produzir riquezas, fomentar e impulsionar a máquina capitalista para abastecer o mercado de novos produtos inovadores. A próxima seção aborda o papel da educação para a formação do espírito empreendedor dos estudantes.

2.2 Atitude empreendedora mediada pela educação

O avanço da temática empreendedorismo no espaço escolar tem sido consistente. A Educação Empreendedora tem se revestido de uma ação necessária no contexto formativo dos estudantes, especialmente em ambientes cujos países demandam por acomodação no mercado de trabalho dos jovens e adolescentes que terminam o ensino médio ou o ensino superior, haja vista que os postos formais de trabalho apresentam escassez. Para tanto, é fundamental que os professores desenvolvam estratégias estimuladoras na condução do tema com o propósito de despertar, nos estudantes, o espírito empreendedor.

O empreendedorismo trabalhado na educação abrange as formas de reconhecer oportunidades para possíveis novos negócios, além de trabalhar as habilidades individuais e de ter a capacidade para lidar com os riscos do cotidiano. Conforme Sriyakul e Jermstittiparsert (2019), a educação para o empreendedorismo desenvolve um papel crucial para que o indivíduo se apaixone por suas ideias, desde o início, desenvolvimento e implantação do empreendimento. De acordo com a Comissão Europeia (2016), a educação para o empreendedorismo visa ao desenvolvimento de competências empreendedoras nos estudantes que viabilizem a transformação dos seus sonhos em realidades, sendo estas consideradas essenciais na sua formação e visão de futuro, visto que contribuem para o desenvolvimento pessoal, para a cidadania ativa, considerando, ainda, a inclusão social e a empregabilidade dos mesmos.

Para Jusoh *et al.* (2011), a formação empresarial dentro das escolas e universidades é tratada como uma estratégia econômica capaz de gerar oportunidades de emprego e renda, capacitando a pensar diferente do esperado, trabalhando e explorando novas tecnologias que resultem uma ação que instigue a sociedade na procura por produtos inovadores e que

atendam às necessidades de seu público e de futuro clientes. Ao mesmo tempo, o espaço escolar tem se tornado, desde os primórdios da educação até sua análise na perspectiva atual, uma arena de paradoxos e dualidades, justificados pela percepção de que a performance educacional vigente sofre diversas interferências, as quais são necessárias discorrer (JAEGER, 2013; PEREIRA *et al.*, 2022). Em estudo bibliométrico conduzido por Fritz *et al.* (2022, p. 101), restou evidenciada a “[...] importância de uma educação voltada para a criatividade, com o objetivo de desenvolver o comportamento empreendedor”, comprovando que a criatividade permeia o processo didático como mecanismo pedagógico necessário para a adesão do corpo discente. Portanto, é inevitável papel do professor na construção da mentalidade formadora do comportamento empreendedor dos estudantes (GUIMARÃES; SANTOS, 2020; BORTOLUZZI-BALCONI *et al.*, 2023). Na visão de Jones e English (2004),

A educação empreendedora é o processo de fornecer aos indivíduos a capacidade de reconhecer oportunidades comerciais e a visão, autoestima, conhecimento e habilidades para agir sobre eles. Inclui instruções sobre reconhecimento de oportunidades, comercialização de um conceito, organização de recursos diante de riscos e início de um empreendimento comercial (JONES; ENGLISH, 2004, p. 416).

De acordo com a pesquisa desenvolvida por Jones e English (2004), foi possível identificar a contribuição da educação empreendedora na formação de fatores pessoais e profissionais dos estudantes, conforme se pode conferir no Quadro 1.

Quadro 1 – Objetivos de desenvolvimento pessoal e empresarial

Desenvolvimento pessoal	Desenvolvimento empresarial
<ul style="list-style-type: none"> ● Conceito de empreendedorismo ● Características de um empreendedor ● Valor do empreendedorismo ● Habilidades de criatividade e inovação ● Autoavaliação empreendedora e ética ● <i>Networking</i>, negociação e negociação 	<ul style="list-style-type: none"> ● Identificando e avaliando oportunidades ● Comercializando um conceito ● Desenvolvimento de estratégias de entrada ● Construindo um plano de negócios ● Encontrar capital ● Iniciando o negócio ● Crescendo o negócio ● Estratégias de colheita

Fonte: Jones & English, 2004, p. 419 – Tradução livre dos autores (2023).

Na visão de Kremel e Edman (2019), desenvolvendo estudo sobre a inserção da educação para o empreendedorismo na Suécia, implementado desde 2011 no ensino secundário, é possível afirmar que:

A importância do empreendedorismo para o crescimento e desenvolvimento tem sido reconhecida em ambas as teorias e as práticas. Para fomentar o pensamento empreendedor, é importante reconhecer que o empreendedorismo pode e será ensinado. Portanto, uma missão importante para a educação sistema é educar os alunos para se tornarem empreendedores ou empreendedores e promover a próxima geração a pensar de forma empreendedora (Kremel & Edman, 2019, p. 163).

Interessante pesquisa foi desenvolvida por Boysen, Jansen e Knage (2020), cujos autores buscaram esclarecer o dilema que há, no ambiente acadêmico, entre os conceitos e princípios que definem o empreendedorismo econômico e o empreendedorismo social. Nesta perspectiva, assentam os autores, que:

Por um lado, o empreendedorismo está associado a conceitos econômicos como competição, realização individual e mercantilização. Por outro lado, o empreendedorismo está associado à colaboração, compartilhamento e esforços coletivos. As diferentes noções e lógicas representam um dilema do ponto de vista educacional, no sentido de que os alunos podem se encontrar divididos entre métodos e ideais individuais e colaborativos. Neste estudo, esse dilema é explorado por meio de um estudo de caso realizado em colaboração com alunos da área de Educação Social. O estudo de caso indica que noções ambivalentes sobre empreendedorismo, criatividade e inovação acarretam uma série de desafios pedagógicos e produzem frustração ocasional entre os alunos. Especialmente, os alunos demonstram atitudes diferentes em relação ao conceito de compartilhar ideias com seus colegas. No final do artigo, outras implicações educacionais do estudo são discutidas (Boysen, Jansen & Knage, 2018, p. 211).

Também Tavares, Moura e Alves (2013) relatam que a educação para o empreendedorismo prepara o processo de escolhas, contribuindo para a materialização do sonho do aluno empreendedor. Para Lopes e Teixeira (2010), a educação para o empreendedorismo deve contemplar todos os níveis de ensino, desde a ideia mais ampla, segundo a qual o ensino de empreendedorismo estimula o desenvolvimento de competências que não estão exclusivamente ligadas à criação de novos negócios, isto é, à ideia mais restrita que preconiza apenas a criação de negócios. A educação empreendedora possui características próprias e, portanto, são distintas do sistema educacional tradicional, o qual historicamente centra-se no papel do professor, enquanto indivíduo responsável por conduzir e transmitir o conhecimento por meio de um programa engessado com aulas em forma de monólogos, ênfase em conteúdos teóricos e baseadas em perspectivas teóricas e abstratas, em que o papel do aluno é passivo, o que não estimula o seu lado empreendedor (DOLABELA, 2008; MALACARNE; BRUSTEIN; BRITO, 2014; SCHAEFER; MINELLO, 2016).

A educação empreendedora, por um lado, prevê transformações nos papéis do docente e do aluno, nas práticas didático-pedagógicas e na natureza do ensino (SCHAEFER; MINELLO, 2016). O professor é responsável por conduzir o processo de ensino

aprendizagem por meio de práticas ativas, inovadoras, criativas e revolucionárias (GUIMARÃES; SANTOS, 2020), estimulando novos modelos mentais dos estudantes. O século XXI exige do professor uma nova maneira de trabalhar, na busca de proporcionar aos alunos “valores e formas de comportamento democrático, igualitário, respeitoso da diversidade cultural e social, do meio ambiente, etc.” (IMBERNÓN, 2011, p. 26). Por outro lado, de acordo com Krakauer (2014), pode haver um descompasso entre docentes e discentes nesse sentido, pois os primeiros alegam que os alunos muitas vezes não se mostram interessados sobre os conteúdos da disciplina de empreendedorismo, enquanto os alunos apontam que esse desinteresse se deve ao fato de o professor não saber como colocar o aluno como protagonista do aprendizado. Arruda *et al.* (2020) frisam que o resultado da educação para o empreendedorismo tem sofrido muitas críticas, quer por parte de acadêmicos, de educadores, quer ainda de decisores políticos, o que tem levado, segundo os autores, ao surgimento de estudos para avaliarem a eficácia da educação para o empreendedorismo.

Outros estudos afirmam que a educação voltada à formação do espírito empreendedor muitas vezes é uma luta solitária e que muitas instituições de ensino precisam se preparar para implantar e estimular práticas voltadas ao empreendedorismo, para que os alunos entendam que eles são os protagonistas de suas próprias ações (GUIMARÃES; LIMA, 2016; SCHAEFER; MINELLO, 2016, SAES; MARCOVITCH, 2020). Por muitas vezes, os docentes travam uma luta solitária, pois as IES brasileiras necessitam se preparar para implantar, disseminar e estimular práticas voltadas ao empreendedorismo, a fim de colocar o aluno no centro das ações (SCHAEFER; MINELLO, 2016), com a aplicação de aprendizagens práticas e significativas. Nessa perspectiva, o trabalho do docente é desafiador, ou seja, transpor os saberes funcionalistas e passivos, buscando transformar o aluno de mero espectador a sujeito reflexivo e condutor de ações que contemplem a criatividade, a inovação e a autonomia (GUIMARÃES; LIMA, 2016) não é uma tarefa simples, mas fundamental na contemporaneidade, pautada essencialmente pelas tecnologias digitais.

2.3 Educação Empreendedora no Ensino Básico

Alguns estudos têm comprovado que a abordagem conduzida pelos professores no espaço escolar, na Educação Básica, com destaque para o Ensino Médio, que os avanços são concretos, no tocante ao acolhimento, por parte do corpo discente, da temática, porque muitos alunos percebem no segmento empreendedor um caminho capaz de conduzi-los a um estágio de conquistas, pertencimento e reconhecimento. No estudo desenvolvido por Coelho (2020),

foi apresentada uma estratégia de absorção do conhecimento dos estudantes no tocante ao empreendedorismo “[...] por meio de capacitação e desenvolvimento de concurso de ideias de *startups*, destinada à promoção do potencial empreendedor dos estudantes do ensino médio” (COELHO, 2020, p. 1). Conforme demonstram Ribeiro *et al.* (2022), a pedagogia utilizada nas escolas para o empreendedorismo pode seguir metodologias ligadas às visitas em empresas, estudos de caso, grupos de discussão, criação de empresas fictícias, filmes, jogos, entre outros para que fomentem o instinto empreendedor e futuramente possam progredir com suas ideias. Ainda no mesmo estudo, observou-se que o incentivo a criação de startups e a autonomia dada aos estudantes fez com que houvesse uma maior aprendizagem a fim de promover experiências completas aos estudantes. São estes momentos de realização de ações práticas, oportunizadas pelo professor, que o aprendizado é consubstanciado, promovendo a compreensão e a significação do aspecto formativo na mente do estudante (GUIMARÃES; SANTOS, 2020).

Embora os estudos de Carvalho *et al.* (2022) indiquem dois principais desafios para a implementação da Educação Empreendedora no ensino básico: a gestão escolar e a preparação dos professores, reconhece-se a importância da iniciativa neste nível educacional para que se permita avançar na busca da autonomia e da independência do sujeito social, mesmo em tenra idade. Inexistem, ao que se sabe, óbices cognitivos que impeçam os estudantes dos níveis fundamental e médio a absorver os conhecimentos envolvendo a atitude empreendedora. Daí a necessidade de que outros estudos sejam implementados para desvelar a realidade que permeia a relação ensino-aprendizado no campo. Segundo o estudo de Carvalho *et al.* (2022), para que ocorra, efetivamente, uma realidade transformadora no ensino básico no que concerne ao fortalecimento da Educação Empreendedora, há “[...] necessidade da integração entre as esferas políticas, empresariais, educacionais, familiares e o apoio da sociedade em geral para a implementação e o desenvolvimento do empreendedorismo na Educação Básica” (CARVALHO *et al.*, 2022, p. 1), ou seja, uma ação integradora entre vários atores – sociais e políticos – a fim de que os desafios sejam suplantados.

Avançando na discussão sobre o momento em que se discute o empreendedorismo na Educação Básica, convém pontuar o que destacam Schaefer e Minello (2017). Para os autores, existem dois modelos mentais para se desenvolver uma ideia da atitude empreendedora. São eles: i) modelo gerativo, e ii) modelo dinâmico. Para os autores, os modelos tendem a evoluir de acordo com o local e o tempo em que os indivíduos fazem parte e afirmam ainda que a ação empreendedora é desenvolvida e moldada desde a infância, através da educação

adquirida dentro de casa, escolas e nas experiências vividas em cada uma delas. De acordo com Alves, Klaus e Loureiro (2021), as escolas são locais privilegiados que podem moldar e trabalhar a formação de crianças e jovens, com o intuito de motivar o aparecimento e o desenvolvimento da aprendizagem para o mercado e para a economia do século XXI.

Minatel (2019), por sua vez, enfatiza que o alcance e propósito da educação não é só responsabilidade da escola, mas também dos pais, e aborda a educação empreendedora desde a primeira infância, por meio de orientações e estímulos para o futuro da criança. Nesse sentido, para Barbosa *et al.* (2020), quando essa abordagem é implementada nos Ensinos Fundamental e Médio, ela impacta os traços de personalidade voltados à intenção de empreender. De acordo com Albuquerque, Ferreira e Brites (2016), esse é fator estratégico para a promoção da cultura empreendedora e estímulo ao maior envolvimento das pessoas na resolução de problemas sociais, de forma inclusiva e ética. Segundo Dias e Mariano (2017), que atestam a importância do reconhecimento do empreendedorismo como um dos pilares da educação pela UNESCO, apresentam os incentivos, a partir de 2006, do Ministério da Educação e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para com os cursos de Graduação e Pós-Graduação voltados ao desenvolvimento da Educação Básica no Brasil. Este é o propósito da formação de mão de obra qualificada no campo da educação, visando também à incursão da temática nos estágios básicos da educação. É possível visualizar um distanciamento entre escola e sociedade no sistema educacional do Brasil, em nível básico, que precisa ser vencido para implementar a educação empreendedora e desenvolver características da atitude empreendedora nos jovens, como “autonomia e criatividade” (LEITE, 2018, p. 11).

Então, a educação para o empreendedorismo objetiva desenvolver valores, habilidades e autoconhecimento que fazem com que os alunos possam gerenciar tais habilidades no caminho certo da aprendizagem para empreender. Garcia *et al.* (2017) apontam um estudo realizado em Mumbai onde é mostrada a mudança que o empreendedorismo pode fazer através do ensinar e do desenvolver, educando e treinando alunos para gerarem mais impacto na sociedade. Nas faculdades/universidades brasileiras já acontece uma educação empreendedora enraizada em conceitos e processos burocráticos. Todavia, nas escolas de Ensino Básico, essa realidade pode ser diferente e escassa, dado ao fato de não haver interesse em promover experiências desse tipo em sala de aula (LAVIERI, 2010). Dolabela (2003), por sua vez, propõe uma estratégia didática, chamada de Pedagogia Empreendedora, que busca auxiliar o aluno da Educação Básica na construção do seu sonho estruturante aquele que pode ser alcançado por meio de ações. Dolabela (2003) defende a promoção de projetos diversos,

como feiras lúdicas e didáticas, que permitam trabalhar valores humanos, contribuindo também com a formação de caráter de cidadãos íntegros, com uma qualidade de vida melhor.

2.4 Educação Empreendedora no Ensino Superior

Os modelos globais em torno da temática da universidade empreendedora são frequentemente associados a determinados atributos organizacionais, sem o reconhecimento da inter-relação entre as capacidades e as características institucionais e as do ambiente externo, no qual a universidade está inserida (STENSAKER; BENNER, 2013). Ao assumir um novo papel na sociedade, a universidade passa por mudanças internas, integrando novas funções e relações. Assim, a lógica interna da missão acadêmica original se amplia por meio da conservação do conhecimento (educação), seguida da produção de conhecimento (pesquisa) e da aplicação deste novo conhecimento (empreendedorismo) (ETZKOWITZ, 2003). De acordo com Sousa e Florêncio (2023), o empreendedorismo atua como agente desenvolvedor de regiões, e as universidades trabalham em seu auxílio a fim de gerar benefícios econômicos e sociais para a sociedade, gerando oportunidades de trabalho e utilizando todo tipo de conhecimento e aprendizado para que haja constantemente inovações que os façam revolucionários no que desejam prosseguir. Os resultados obtidos por Jusoh *et al.* (2011) mostraram que o nível de competência em empreender estava ligado às suas capacidades de inovar e de usar essa criatividade dentro da criação de uma empresa ou projeto, os mesmos tendem a se comportar de acordo com as mudanças ocasionadas no ambiente de negócios, que buscam por trabalhadores atentos às inovações para seus empreendimentos, além do mais que também possam somar seus conhecimentos e experiências.

Por exemplo, os objetivos educacionais do século XXI para todas as instituições educacionais devem incluir um foco na inovação e no empreendedorismo, a fim de produzir futuros trabalhadores com habilidades para impulsionar a saúde econômica regional e nacional (KLORER; STEPAN, 2015). A UNESCO aponta a necessidade de atingir a meta educacional dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) de aumentar significativamente o número de jovens e adultos com as competências necessárias, principalmente técnicas e profissionalizantes, para acessar emprego, trabalho decente e empreendedorismo até 2030 (UNESCO, 2017).

O empreendedorismo nas universidades tende a naturalmente promover ações e estratégias que possam ser desenvolvidas dentro desse espaço, sendo capazes de trabalhar o

instinto empreendedor ou apenas o aperfeiçoando, considerando que, conforme apontam Sousa e Florêncio (2023), faz-se necessário que ocorram etapas iniciais no ambiente acadêmico, como as *startups*, ou no desejo de inovar algo já existente, não deixando de lado a motivação e a visão para o que os estudantes almejam mirando na criação de empreendimentos. A busca por métodos que imprimam um novo molde didático-pedagógico apto a fomentar habilidades e competências dos estudantes em nível de Graduação se configura como o novo desafio da atualidade (WERLANG; FAVRETTO; FLACH, 2017; Sousa, 2018). Para Dolabela & Fillion (2013), no Brasil é de extrema importância que a educação empreendedora esteja presente na vida dos estudantes, pois gera oportunidades que permitem uma maior proporção do capital humano e, conseqüentemente, faz com que haja desenvolvimento do potencial empreendedor. Com isso, as universidades devem proporcionar um ambiente em que o empreendedorismo é discutido com programas de treinamento e atividades que desenvolvam uma cultura empresarial e que futuramente possam fazer com que os estudantes se tornem empreendedores, conforme estudos empíricos desenvolvidos em universidades italianas (CAMPANELLA; PERUTA; GIUDICE, 2013).

Assim, o ensino superior deve considerar o desenvolvimento das competências empreendedoras e a disseminação da cultura empreendedora como fatores estratégicos no sentido de possibilitar a inserção do aluno no mercado de trabalho e até mesmo sua contribuição para a sustentabilidade das pequenas empresas (SOUZA; GUIMARÃES, 2005). Andrade e Torkomian (2001, p. 3) definem os programas de educação empreendedora como a “estruturação, no tempo, de diversas atividades que têm por objetivo promover o desenvolvimento do espírito empreendedor em seus participantes”. De outro modo, Rocha, Moraes e Fischer (2022) afirmam que os fundamentos do empreendedorismo explorados no ambiente universitário são essenciais para a promoção da inovação, fator basilar na estruturação da iniciativa empreendedora.

Em regiões sem tradição empreendedora, as universidades enfrentam o desafio de iniciar esse processo, encontrar educadores experientes e reunir os recursos necessários para tal; em outras regiões, a educação empreendedora é vista como ferramenta para estimular o desenvolvimento econômico, assim como há também regiões onde a educação empreendedora é recente e em fase de experimentações, embora se deva considerar a rede global de educadores de empreendedorismo que permite compartilhar melhores práticas a respeito (SEELIG, 2005) e até mesmo analisando a importância do empreendedorismo sob o ponto de vista da internet das coisas (ZHANG; LIU, 2021). Este novo conceito do empreendedorismo nas universidades alcançou alguma unidade sob a bandeira das estratégias

de desenvolvimento de aumento da capacidade de inovação independente e construção de um país inovador, além da promoção do emprego por meio do empreendedorismo. Tal fato não apenas destacou uma estratégia nacional, mas também expressou uma orientação de valor, com um novo conceito e modelo educacional liderando cientificamente a reforma e o desenvolvimento do ensino superior em uma nova era (WANG, 2015). A aplicação da educação empreendedora nas instituições de ensino tende a seguir os pilares da percepção da oportunidade, dos fatores para o fracasso, concepção dos envolvidos numa carreira desejável, assim como o *status* social e a autoeficácia para a solução dos problemas recorrentes no empreendimento (STADLER; SMITH, 2017).

O fato é que a forja do espírito empreendedor no ambiente acadêmico perpassa, inevitavelmente, pela promoção de estratégias, modelos e técnicas implementadas pelos professores, cujos procedimentos didático-pedagógicos possam ser capazes de criar um ambiente propício e promissor para o desenvolvimento da mentalidade empreendedora (CARDOW; SMITH, 2015; KREMEL; EDMAN, 2019; BOYSEN; JANSEN; KNAGE, 2020; ARAUJO; SOUSA; GUIMARÃES, 2023) fortalecendo, portanto, a criação de negócios e a promoção da inovação e da criatividade em negócios já existentes, estabelecendo um cinturão socioeconômico local ou regional, proporcionando renda, oportunidades e aquisição de competências empresariais.

Quanto ao papel das IES na promoção da educação para o empreendedorismo, salienta-se que elas dão um contributo importante, disponibilizando instrumentos de apoio, nomeadamente infraestruturas, financiamento, formação e outros meios facilitadores da criação de um ecossistema empreendedor como o apoio à elaboração de modelos ou planos de negócio, à incubação, serviços de consultoria e serviços de registo e gestão da propriedade intelectual (VALENTE; COSTA, 2020). Os efeitos da educação para o empreendedorismo integram desde o desenvolvimento de conhecimento, habilidades e atitudes direcionadas para a criação de novos negócios à geração de empregos pelos estudantes (NABI *et al.*, 2017). Conforme Henrique e Cunha (2006) apontam, as IES têm provido suas matrizes curriculares com o ensino de empreendedorismo, visando a contribuir para a formação de profissionais aptos a abrir um negócio, a buscar inovações dentro das organizações atuando como intraempreendedores, a contribuir para a contínua inserção e sobrevivência das organizações dentro de ambientes cada dia mais complexos. Como consequência dessa iniciativa, as oportunidades de negócio que surgem no âmbito nacional e internacional possibilitam a construção das condições básicas para o alcance e estabilidade da economia, por meio de uma

maior divulgação, cultura e conhecimento empreendedor, inclusive em projetos educacionais inseridos nos cursos de Graduação (RUDA *et al.*, 2012).

De acordo com Muftahu (2022), é possível se obter um desenvolvimento econômico de forma positiva através de um ensino de qualidade adquiridos na educação do Ensino Superior, dentro das universidades, sendo tratadas questões que englobam principalmente: i) a necessidade de um maior número de pesquisas sobre os diversos tipos de mercado; ii) as tecnologias que melhor se adaptam a esses mercados, e iii) a mão de obra qualificada para determinados serviços, fazendo com que se enxergue a importância em conhecer o passo a passo que contribua na formação de novos projetos. Relatório da Comissão Europeia (2016) aponta o desenvolvimento de competências empreendedoras relacionadas com a criatividade, com o planejamento, com a análise financeira, com a gestão de recursos e gestão de incerteza/risco, na execução do trabalho em equipe, etc., tendo tais fatores conexões diretas com a educação para o empreendedorismo, fator que irá permitir os estudantes futuramente desenvolverem e gerirem os seus negócios.

É relevante constar que o estímulo ao empreendedorismo no ensino superior não está conectado apenas com os Cursos de Administração. Nota-se que há incentivo à mentalidade empreendedora em diversos campos do conhecimento, como em Cursos de Engenharia (MARIANA, 2015; GRECU; DENES, 2017), na Enfermagem (COPELLI; ERDMANN; SANTOS, 2019), na Pedagogia (MOURA; GUARAGNI; SILVA, 2018; ODILON NETO; GUIMARÃES; LUKOSEVICIUS, 2019), no Curso de Ciências Contábeis (CRESTANI; CARVALHO; CARRARO, 2019), no campo da Medicina (TOMÉ, 2019; SLAWKA; NOVAIS, 2021), na Psicologia (MARCONDES, 2014), nos estudos envolvendo a Psicologia Educacional (WANG; SU; WU, 2021), entre outros estudos.

Conforme Garcia *et al.* (2017), a educação para o empreendedorismo ligado à Psicologia tem um papel responsável por garantir a missão que as instituições têm de entregar a uma sociedade um desenvolvimento econômico através de tecnologias e inovações de empreendimentos, os quais surgem através de alunos e professores, além de também poder desenvolver atividades de cooperações entre as universidades (privadas e públicas), desencadeando no surgimento de universidades empreendedoras. Para Fonseca e Nassif (2022), o empreendedorismo está ligado à geração de emprego e renda, porém, no Brasil, há uma baixa competitividade entre os mercados atuais. Muito disso acontece por falta de incentivo para se empreender, como também de conhecimentos básicos acerca do tema, que poderiam ser trabalhados com ações governamentais que sirvam de motivação para se trabalhar dentro das universidades, sempre mirando o mercado de trabalho. Annechini (2022)

sugere inserir o empreendedorismo nas grades curriculares aliando teorias e práticas, fazendo com que seja possível haver um desenvolvimento de culturas inovadoras, ligadas a empreender de forma que se diminuirá as taxas de desemprego, mudando cenários no mercado de trabalho e dando autonomia aos diversos graduandos. Muftahu (2022) fala sobre a forma como a Quarta Revolução, também chamada de IR 4.0 trouxe na bagagem novas formas de gerar emprego/renda, e aliada a educação nas universidades possibilitam que se utilizem dos avanços tecnológicos para qualificarem a educação na Malásia. O governo do país estabeleceu metas a serem cumpridas dentro da EE (Educação para o Empreendedorismo), onde 5% dos formandos se tornem realmente empreendedores, através dos incentivos recebidos dentro de suas universidades.

Para Bhardwaj, Weerawardena e Srivastava (2023), quem empreende carrega consigo a missão de agregar valor social para o seu público como também valor comercial para que haja o sustento das organizações. Esse elo entre os valores se faz necessário para que se saiba a situação em tempo real do negócio e onde o sujeito empreendedor deseja chegar, apontar as conquistas que já tiveram e os métodos que serão utilizados para adquirir mais conhecimento e prosseguir com bons resultados. É importante registrar que os movimentos que são desenvolvidas no ambiente escolar da Educação Básica e Educação Superior dão pistas às ações que as instituições educacionais precisam emplacar para fortalecer a empatia empreendedora dos estudantes. Esta atitude estimula a mente do estudante e, ao compreender a dinâmica que dá apoio às ações didático-pedagógicas que têm como meta maior a sua integral formação, o discente apreende novos conceitos, absorve conhecimentos e habilidades que serão úteis em sua trajetória profissional e pessoal, se torna, como se espera, um sujeito independente e atento às transformações do mundo do trabalho, buscando envidar meios com vistas a implementar os seus sonhos por meio de comportamentos empreendedores assertivos.

3 METODOLOGIA

No que concerne aos procedimentos metodológicos, o presente estudo utilizou a revisão sistemática da literatura baseada em autores como Andrade & Torkomian (2001), Amiri & Marimaei (2012), Albuquerque, Ferreira e Brites (2016); Bortoluzzi-Balconi *et al.* (2023), dentre outros, por meio de artigos científicos, dissertações e teses. Para Ercole, Melo & Alcoforado (2014, p. 9), “[...] as revisões integrativas e as sistemáticas são métodos de pesquisa criteriosos empregados para fornecer os melhores conhecimentos produzidos sobre um dado problema de pesquisa [...]”. O material que embasou a estrutura teórica foi obtido no

período de janeiro a julho de 2023, em bases como *SCOPUS*, *SCIELO*, *Google Acadêmico*. O estudo tem abordagem qualitativa, de natureza descritiva e recorre à análise dedutiva-interpretativa (ASSIS; RICCIO, 2023) para compor os fios que estruturam o arcabouço teórico do estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi investigar alguns estudos publicados discutindo a importância do empreendedorismo no ambiente escolar. Teve como visão acadêmica avançar na análise acerca do papel da Educação Empreendedora (EE) no espaço educacional e, adicionalmente, ampliar as discussões sobre o alcance da educação empreendedora nos níveis básico e superior. Diante deste propósito, foram explorados estudos que apontam, empírica e teoricamente, que o empreendedorismo desenvolvido em sala de aula tem contribuído para a transformação dos estudantes, tornando-os cientes do seu papel no contexto sociopolítico e econômico, estabelecendo uma dinâmica, com a mediação dos professores, capaz de fazê-los compreender que o espírito empreendedor perpassa, também, pela incorporação de conhecimentos e habilidades, mediante a aplicação de métodos, técnicas e procedimentos assertivos e propositivos, promovendo a significância do ato de ensinar. Neste ponto, em particular, convém pontuar que a sensibilidade, a percepção, o acolhimento, a mediação isonômica e o olhar diferenciado do professor, tendo como foco da sua intervenção pedagógica o discente, são fatores que permitirão um novo paradigma, talvez uma transgressão cognitiva, que seja capaz de tornar o estudante, de fato, mentor do seu próprio destino.

Certamente que a relevância da Educação Empreendedora vai sendo desvelada paulatinamente, tendo em vista que não há adesão sistemática e integral de alguns Cursos de Graduação e de algumas unidades da Educação Básica. Tornam-se necessárias não apenas ações de políticas públicas de fomento à abertura de novos negócios, mas, sobretudo, iniciativas vinculadas à atualização dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP) dos Cursos de Graduação e de ensino médio, cujo movimento se dá no âmbito das instâncias educacionais, sejam exploradas com o fito de avançar na promoção e no engajamento dos estudantes no universo empreendedor. Percebe-se, então, que de forma gradual e sustentável, as universidades e as escolas de Ensino Médio e Fundamental vão permitindo que a inserção do empreendedorismo no debate cotidiano se torne uma prática necessária, contribuindo para a adesão dos estudantes, colocando-os como protagonistas de suas ações, fortalecendo a

autoestima, a segurança, a esperança e, sobretudo, a certeza de que as competências e as habilidades adquiridas constituirão o diferencial que os fará mudar de patamar sociopolítico, tornando-os, como espera quem atua no campo educacional, que eles se tornem o timoneiro de sua própria viagem rumo à independência – social, política, cultural, econômica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. P., FERREIRA, J. S; BRITES, G. (2016). Educação holística para o empreendedorismo: uma estratégia de desenvolvimento integral, de cidadania e cooperação. **Revista Brasileira de Educação**, 21(67), 1033-1056, out./dez. DOI: <http://doi.org/10.1590/S1413-24782016216752>

ANDRADE, R. F; TORKOMIAN, A. L. V. (2001). Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em Instituições de Ensino Superior. *Anais...Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas – EGEPE*. 2, Londrina. Paraná.

ALVES, A; KLAUS, V; LOUREIRO, C. B. (2021). Do sonho à realização: pedagogia empreendedora, empresariamento da educação e racionalidade neoliberal. **Educação e Pesquisa**, 47(e226115), 1-19, jun. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147226115>

AMIRI, N. S; MARIMAEI, M. R. (2012). Concept of Entrepreneurship and Entrepreneurs Traits and Characteristics. **Scholarly Journal of Business Administration**, 2(7), 150-155, nov.

ANNECHINI, D. S. F. (2022). Empreendedorismo como disciplina na grade curricular do curso de Enfermagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE**, 8(2), 1045-1052, fev. DOI: doi.org/10.51891/rease.v8i2.4266

ARAÚJO, G. F; SOUSA, A. M. R; GUIMARÃES, J. C. (2023). Educação empreendedora: abordagens atuais, pedagogias e tendências. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, 8(3), 189-216, maio/jun.

ARRUDA, C *et al.* (2020). **Avaliação da Educação Empreendedora no Ensino Superior**. Disponível em: <<https://ci.fdc.org.br/AcervoDigital/Relat%C3%B3rios%20de%20Pesquisa/Relat%C3%B3rios%20de%20Pesquisa%202020/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Empreendedora%20no%20Ensino%20Superior.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2023.

ASSIS, R. B; RICCIO, E. L. (2023). Governança e Futebol Profissional: Análise da aplicabilidade de um modelo na Sociedade Esportiva Palmeiras. **BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, 20(1), 1509-1545, jan./mar. DOI: [10.4013/base.2023.201.03](https://doi.org/10.4013/base.2023.201.03)

BARBOSA, R. A. P *et al.* (2020). O Impacto da Educação Empreendedora na Intenção de Empreender: análise dos traços de personalidade, **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 9(1), 124-158, jan. DOI: <https://doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1589>

BARROS, A. A; PEREIRA, C. M. M. A. (2008). Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica. **Revista de Administração Contemporânea-RAC**, 12(4), 975-993, out/dez. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552008000400005>

BHARDWAJ, R; WEERAWARDENA, J; SRIVASTAVA, S. (2023). Advancing Social Entrepreneurship Research: A morphological analysis and future research agenda. **Journal of Social Entrepreneurship**, 1-36, abr. DOI: <https://doi.org/10.1080/19420676.2023.2199748>

BEJINARU, R. (2018). Assessing students' entrepreneurial skills needed in the Knowledge Economy. **Management & Marketing**, 13(3), 1119-1132, set. DOI: <https://doi.org/10.2478/mmcks-2018-0027>

BORTOLUZZI-BALCONI, S *et al.* (2023). Teacher Actions: The Influence on Entrepreneurial Behavioral Characteristics of Students. **Revista Electrónica Educare (Educare Electronic Journal)**, 27(1), 1-24, enero/abril. DOI: <https://doi.org/10.15359/ree.27-1.14455>

BOYSEN, M. S; JANSEN, L. H; KNAGE, M. (2020). To Share or Not to Share: A Study of Educational Dilemmas Regarding the Promotion of Creativity and Innovation in Entrepreneurship Education. **Scandinavian Journal of Educational Research**, 64(2), 211-226, out. DOI: <https://doi.org/10.1080/00313831.2018.1531919>

CAMPANELLA, F; PERUTA, M. R. D; GIUDICE, M. D. (2013). The Role of Sociocultural Background on the Characteristics and the Financing of Youth Entrepreneurship. An Exploratory Study of University Graduates in Italy. **Journal of the Knowledge Economy**, 4, 244-259. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13132-013-0157-4>

CARDOW, A; SMITH, R. (2015). Using innovative pedagogies in the classroom: Restorying Gothic tales as entrepreneur stories. **Industry and Higher Education**, 29(5), 361-374, out. DOI: <https://doi.org/doi:10.5367/ihe.2015.0268>

CARVALHO, A. J. C *et al.* (2022). Educação empreendedora no ensino básico: identificando desafios a partir de uma análise bibliométrica e da revisão sistemática. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, 11(2), 1-13, maio/ago. DOI: <https://doi.org/10.14211/ibjesb.e2032>

CARVALHO, R. S; KARPOWICZ, A. P. (2011). A formação de professores e supervisores escolares “empreendedores”: reflexões sobre o empreendedorismo como “valor pedagógico” **Olhar de Professor**, [S. l.], 13(2) 299–314. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.13i2.0007

COELHO, E. C. S. (2020). Educação empreendedora: proposta metodológica para o ensino de empreendedorismo no ensino médio. **Revista Humanidades e Inovação**, 7(7), 559-566, mar.

Comissão Europeia. (2016). Educação para o Empreendedorismo nas Escolas Europeias: Relatório Eurydice. **Comissão Europeia/EACEA/Eurydice**. DOI:10.2797/5984

COPELLI, F. H. S; ERDMANN, A. L; SANTOS, J. L. G. (2019). Entrepreneurship in Nursing: an integrative literature review. *REBEn – Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(Suppl 1), 289-298. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0523>

COSTA, A. M; BARROS, D. F; MARTINS, P. E. M. (2012). A alavanca que move o mundo: o discurso da mídia de negócios sobre o capitalismo empreendedor. *Cadernos Ebape*, 10(2), 357-375, jun. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000200007>

CRESTANI, J. S; CARVALHO, C; CARRARO, W. B. W. H. (2019). Empreendedorismo na universidade: perfil e potencial empreendedor dos alunos de Ciências Contábeis. *Revista Expectativa*, 18(1), 44-70, jan./jun.

DIAS, B. F. B; MARIANO, S. R. H. (2017). Educação empreendedora na educação básica e o homem parentético de Guerreiro Ramos. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, 5(2), 55-66, maio/ago. DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v5i2.12712>

DOLABELA, F. (2003). **Pedagogia Empreendedora**: o ensino de empreendedorismo na Educação Básica, voltado para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora de Cultura.

DOLABELA, F. (2008). **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante.

DOLABELA, F; FILION, L. J. (2013). Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *REGEPE*, 3(2), 134-181, set-dez. DOI: <https://doi.org/10.14211/regepe.v2i3.137>

ERCOLE, F. F; MELO, S. L; ALCOFORADO, C. L. G. C. (2014). Revisão Integrativa versus Revisão Sistemática. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1), 9-11, jan./mar. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140001>

ETZKOWITZ, H. (2003) Research groups as 'quasi-firms': the invention of the entrepreneurial university. *Research Policy*, 32(1), 109-121, jan. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0048-7333\(02\)00009-4](https://doi.org/10.1016/S0048-7333(02)00009-4)

FERNANDES, C; VEIGA, P. M; RAMADANI, V. (2023). Entrepreneurship as a transition to the circular economy. *Environment, Development and Sustainability*, 25(7), 1-14, jul. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10668-023-03513-5>

FERREIRA, A. G; MIGUEL, J. R. (2020). A Importância da Educação Empreendedora nos processos de Ensino e Aprendizagem. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 14(50), 331-351, maio. DOI: 10.14295/idonline.v14i50.2440

FONSECA, F; NASSIF, M. E. (2022). Informação e empreendedorismo: Estudo de caso com acadêmicos brasileiros e canadenses. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 27(4), 167-195, out/dez. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/42029>

FRITZ, M; *et al.* (2022). Criatividade e educação empreendedora: uma revisão bibliométrica. *Vianna Sapiens – Revista das Faculdades Integradas Vianna Júnior*, Juiz de Fora, 13(2), 101-126, jul./dez. DOI: 10.31994/rvs.v13i2.907

GARCIA, J. C. S *et al.* (2017). Entrepreneurship Education: State of the Art. **Propósitos y Representaciones**, 5(2), 401–473, jul./dez. DOI: <http://dx.doi.org/10.20511/pyr2017.v5n2.190>

GRECU, V; DENES, C. (2017). Benefits of entrepreneurship education and training for engineering students. **Anais...** 8th International Conference on Manufacturing Science and Education – MSE 2017 “Trends in New Industrial Revolution”, 121, 1-7, ago. DOI: <https://doi.org/10.1051/mateconf/201712112007>. Disponível em: < https://www.matec-conferences.org/articles/mateconf/pdf/2017/35/mateconf_mse2017_12007.pdf>. Acesso em 18 jun. 2023.

GUIMARÃES, J. C; SANTOS, I. F. (2020). Educação empreendedora: a prática docente estimulando a mente do estudante. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, 14(2), 130-151, abr./jun. DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i2.41186>

GUIMARÃES, J. C; LIMA, M. A. M. (2016). Empreendedorismo educacional: reflexões para um ensino docente diferenciado. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, 10(2), 34-49, abr./jun. DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v10i2.715>

HENRIQUE, D. C; CUNHA, S. D. (2006). Metodologias, recursos e práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **Anais...** XXX Encontro da AnPAD – ENAnPAD, Salvador.

HISRICH, R. D; PETERS, M. P. (2004). **Empreendedorismo**. 5.ed. Porto Alegre: Bookman.

HATTEN, T. S.; RUHLAND, S. K. (1995). Student attitudes toward entrepreneurship as affected by participation in an SBI program. **Journal of Education for Business**, 7(4), 224-227. jun. DOI: <https://doi.org/10.1080/08832323.1995.10117754>

HANSEMARK, O. C. (1998). The effects of an entrepreneurship programme on Need for Achievement and Locus of Control of reinforcement, **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, 4(1), 28-50, abr. DOI: <https://doi.org/10.1108/13552559810203957>

IMBERNÓN, F. (2011). **Escola, formação de professores e qualidade do ensino**. Pinhais: Editora Melo.

JONES, C; ENGLISH, J. (2004). A contemporary approach to entrepreneurship education. **Education & Training**, 46(8/9), 416-423. DOI 10.1108/00400910410569533

JAEGER, W. (2013). **Paideia: a formação do homem grego**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.

JUSOH, R *et al.* (2011). Entrepreneur Training Needs Analysis: Implications On The Entrepreneurial Skills Needed For Successful Entrepreneurs. **International Business & Economics Research Journal**, 10(1), 143-148, January. DOI:10.19030/iber.v10i1.933

KREMEL, A; EDMAN, K. W. (2019). Implementing design thinking as didactic method in entrepreneurship education. The importance of through. **The Design Journal**, 22(sup 1), 163-175, may. DOI: 10.1080/14606925.2019.1595855

KLORER, E.; STEPAN, M. (2015). Off target: China's vocational education and training system threatens the country's rise to industrial superpower status. **Mercator Institute for China studies**, 24, 1-9, out. Disponível em: https://merics.org/sites/default/files/2020-05/China_Monitor_24_Vocational_Education_EN.pdf. Acesso em 20 maio 2023.

KRAKAUER, P. V. C. (2014). **Ensino de empreendedorismo**: estudo exploratório sobre a aplicação da teoria experimental. Universidade de São Paulo. São Paulo. 189f. Tese (Doutorado em Administração). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo.

LAVIERI, C. (2010). Educação...empreendedora? In.: Lopes, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas (pp. 1-16). Rio de Janeiro: Elsevier.

LEITE, N. M. (2018). **Tecnologia e educação empreendedora**: estamos no caminho certo? Curitiba: Appris.

LOPES, R. M. A; TEIXEIRA, M. A. A. (2010). Educação empreendedora no ensino fundamental. In: Lopes, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier.

MARIANA, R. (2015). Entrepreneurial education for engineering students. **Economics Management Information Technology**, 4(2), 27-33, january.

MINATEL, I. (2019). **Crianças Sem Limites**: educação empreendedora na primeira infância. Barueri: Novo Século Editora.

MALACARNE, R; BRUNSTEIN, J; BRITO, M. D. (2014). Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP. **REGEPE**, São Paulo, 3(2), 20-41, maio/ago. DOI: <https://doi.org/10.14211/regepe.v3i2.125>

MARCONDES, R. C. (2014). **Entre buscar oportunidades e obter reconhecimento**: comportamento empreendedor de psicólogos em sua trajetória profissional. Dissertação (mestrado). 171f. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis.

MOURA, D. A; GUARAGNI, C; SILVA, J. S. (2018). Práticas empreendedoras e protagonistas a partir de vivências no curso de Pedagogia. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, 11(3), .468-476, jul./set. DOI: <https://doi.org/10.14571/brajets.v11.n3.468-476>

MUFTAHU, M. (2022). Higher education and IR 4.0: Embedding Entrepreneurship Education in Malaysian and Nigerian Universities – Developments and challenges. **International Journal of Entrepreneurship and Development**, 5(5), 888-895, set. DOI: <https://doi.org/10.29138/ijebd.v5i5.1949>

NABI, G *et al.* (2017). The Impact of Entrepreneurship Education in Higher Education: A Systematic Review and Research Agenda. **Academy of Management Learning & Education**, 16(2), 277-299, jun. DOI: <https://doi.org/10.5465/amle.2015.0026>

ODILON NETO, M; GUIMARÃES, J. C; LUKOSEVICIUS, A. P. (2019). Empreendedorismo para todos: o perfil empreendedor dos licenciandos de pedagogia. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 4, Edição Especial: Facetas do Empreendedorismo, 38-75, set.

PEREIRA, L; ISTOTANI, S; TODA, A. (2020). Pensamento Computacional no contexto da BNCC, aplicado a projetos de empreendedorismo como fator de inclusão social. **Anais dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Pós-Graduação em Computação Aplicada à Educação Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação. Universidade de São Paulo (USP).**

PEREIRA, N. L *et al.* (2022) Knowledge Management Practices Integrated to Teaching Methodologies: An integrative review. **International Journal of Advanced Engineering Research And Science**, 9(8), 153-164, ago. DOI: <https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.98.19>

PONTUS, B. (2010). Entrepreneurship, Innovation and Economic Growth: past, experience, current knowledge and policy implications, Working Paper Series in Economics and Institutions of Innovation 224, **Royal Institute of Technology**. CESIS – Centre of Excellence for Science and Innovation Studies.

RIBEIRO, A. T. V. B *et al.* (2022). Ensino de empreendedorismo: Um estudo sobre boas práticas e antecedentes de professores brasileiros. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 11(3), 1-12, set./dez. DOI: <https://doi.org/10.14211/ibjesb.e2133>

ROCHA, A. K. L; MORAES, G. H. S. M; FISCHER, B. (2022). The role of university environment in promoting entrepreneurial behavior: evidence from heterogeneous regions in Brazil. **Innovation & Management Review**, 19(1), 39-61, mar. DOI: 10.1108/INMR-08-2020-0112

ROSA, S. S. (2021). Empreendedorismo e a atitude empreendedora: um relato de sua importância para a economia. **Administração de Empresas em Revista**, 4(22), 154-168.

RUDA, W *et al.* (2012). Comparing Start-up Propensities and Entrepreneurship Characteristics of Students in Russia and Germany. **Acta Polytechnica Hungarica**, 9(3), 97-113.

SAES, A. M; MARCOVITCH, J. (2020). Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, 9(1), 1–9. DOI: <https://doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1776>

SCHAEFER, R; MINELLO, I. F (2017). Mentalidade empreendedora: O modo de pensar do indivíduo empreendedor. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 6(3), 495-524, set/dez. DOI: 10.14211/regepe.v6i3.422

SCHAEFER, R; MINELLO, I. F. (2016). Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **RPCA**, Rio de Janeiro, 10(3), 60-81, jul./set. DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v10i3.816>

SCHUMPETER, J. A. (2008). **Capitalism, socialism and democracy**. New York, USA: Harper Perennial.

SEELIG, T. L. (2005). Entrepreneurship Education Around the World. Paper presented at **REE USA 2005**, Stanford University, Oct. 26. Disponível em: <http://web.stanford.edu/group/ree/archives/archive05/presentations/REE_10.26.05_Selig_Welcome.pdf>. Acesso em 10 maio 2023.

SENTANIN, L. H. V; BARBOZA, R. J. (2005). Conceitos de empreendedorismo. **Revista Científica Eletrônica de Administração**, 5(9), 1-9, dez.

SHANE, S; VENKATARAMAN, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. **Academy of Management Review**, 25(1), 217-226, january. DOI: <https://doi.org/10.2307/259271>

SLAWKA, E; NOVAIS, M. E. (2021). Gestão em saúde: nova disciplina nos cursos de medicina. **Revista de Medicina**, 100(3), 212-219.

SOUSA, M. J. (2018). Entrepreneurship Skills Development in Higher Education Courses for Teams Leaders. **Administrative Sciences**, 8(2), 1-15, maio. DOI: <https://doi.org/10.3390/admsci8020018>

SOUSA, R. M; FLORÊNCIO, M. N. S. (2023). Empreendedorismo acadêmico à Brasileira: Revisão sistemática e insights de pesquisa no período de 2017 a 2021. **Revista Gestão em Análise**, 12(1), 103-120, jan/abr. DOI: 10.12662/2359-618xregea.v12i1.p103-120.2023

SOUZA, E. C. L; GUIMARÃES, T. (2005) Métodos, técnicas e recursos didáticos de ensino do empreendedorismo em IES brasileiras. **Empreendedorismo além do plano de negócio**. São Paulo: Atlas.

SRIYAKUL, T; JERMSITTIPARSERT, K. (2019). The mediating role of entrepreneurial passion in the relationship between entrepreneur education and entrepreneurial intention among university students in Thailand. **International Journal of Innovation, Creativity and Change**, 6(10), 193-212, October.

STADLER, A; SMITH, A. M. J. (2017). Entrepreneurship in vocational education: A case study of the Brazilian context. **Industry and Higher Education**, 31(2), 81–89, mar. DOI: <https://doi.org/10.1177/0950422217693963>

STENSAKER, B; BENNER, M. (2013). Doomed to be entrepreneurial: institutional transformation or institutional lock-ins of ‘new’ universities? **Minerva**, 51(4), 399-416, out-dez. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11024-013-9238-6>

TAVARES, C. E. M; MOURA, G. L; ALVES, J. N. (2013). Educação empreendedora e a geração de novos negócios. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, 188, 1-8, set.

TOLEDO, C. M; MACIEL, M. D. (2023). Educação empreendedora e as competências do professor de ciências. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, 4(5), 1-22, maio. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v4i5.3219>

TOMÉ, L. M. (2019). **Relevante, porém escasso**: Panorama do ensino de Empreendedorismo nas Escolas Médicas. Dissertação (Mestrado em Gestão da Competitividade). 92f. Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas (FGV): São Paulo.

UNESCO. Division for Inclusion, Peace and Sustainable Development, Education Sector. In **Education for Sustainable Development Goals: Learning Objectives**; UNESCO: Paris, France, 2017; Available online: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247444>

VALE, G. M. V. (2014). Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. *Revista de Administração Contemporânea- RAC*, 18(6), 874-891, nov/dez. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>

VALENTE, F; COSTA, T. (2020). **Políticas e programas de empreendedorismo no Ensino Superior em Portugal**. In: Parreira, P., Paiva, T., Mónico, L., Alves, L., & Sampaio, J. H. As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo. Guarda, Portugal: Projeto PIN – Poli Entrepreneurship Innovation Network.

WANG, Z. (2015). History and interpretation of innovation and entrepreneurship education. *Educ. Chuang Xin Yu Chuang Ye Jiao Yu*, 4, 1–6. Available online: <http://www.cqvip.com/qk/89619x/201504/666310883.html>

WANG, Q; SUN, Z; WU, C. (2021). The Impact of University Innovation and Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Intention From the Perspective of Educational Psychology. *Frontiers in Psychology*, 12, article 745976, nov. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.745976>

WERLANG, N. B.; FAVRETTO, F; FLACH, R. O. (2017). O. Desenvolvimento e Evolução de Competências Empreendedoras em Alunos de um Curso de Graduação em Administração. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, Passo Fundo, 4(2), 30-50, jul./dez. DOI: <https://doi.org/10.18256/2359-3539.2017.v4i2.2039>

ZHANG, H; LIU, X. (2021). Teaching System of Undergraduate Entrepreneurship Education under the Background of Internet of Things. *Mobile Information Systems*, Article ID 4298724, 1-9. DOI: <https://doi.org/10.1155/2021/4298724>

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

OSÓRIO, K. C; SILVA, C. A. C; GUIMARÃES, J. C. Empreendedorismo no Sistema Educacional: Foco na Formação do Sujeito Autônomo. *Rev. FSA*, Teresina, v. 21, n. 3, art. 6, p. 124-150, mar. 2024.

Contribuição dos Autores	K. C. Osório	C. A. C. Silva	J. C. Guimarães
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X